

## RESENHA

Cláudia Thomé\*

QUEM CONTA UM CONTO DE FADAS...  
Uma Introdução ao Mundo da Fantasia,  
SILVA, Geysa e ROCHA, Luiz Fernando Matos (org.)  
Rio de Janeiro: Confraria dos Ventos, 2008

\* Doutoranda do Programa de Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e professora da Universidade Estácio de Sá.

Bruxas, fadas e sapos fazem parte de um elenco de personagens que povoam o imaginário coletivo desde a infância. Protagonizam histórias que prendem a atenção do público infanto-juvenil, oferecendo instrumentos para enfrentar seus medos e angústias. No livro *Quem conta um Conto de Fadas...*, os professores doutores Geysa Silva (UNINCOR) e Luiz Fernando Matos Rocha (UFJF) levam esse mundo da fantasia infantil à universidade e analisam, à luz da Teoria da Literatura e da Linguística, as narrativas fantásticas dos contos de fadas.

Trata-se de mais um passo no sentido de consolidar a aceitação da

literatura infantil no âmbito da academia, como pertencente a uma tradição, analisando tanto os tradicionais contos de fadas como suas manifestações contemporâneas. Por algum tempo à margem da crítica e da análise acadêmica, a literatura infantil passou a ser objeto de estudo de pesquisadores e críticos literários, como afirmam os autores, a partir do momento em que a Teoria Literária abriu seu leque e passou a se interessar por temas de outras áreas afins, experimentando uma reflexão interdisciplinar envolvida com a cultura.

Neste trabalho, os autores reforçam esta tendência de se romper fronteiras



\* Doutoranda do Programa de Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e professora da Universidade Estácio de





acadêmicas, apresentando diferentes olhares sob o mesmo objeto de análise: o discurso fantástico. O livro apresenta, de forma lúdica, o resultado de dois projetos de pesquisa: "De Mamãe Gansa ao Senhor dos Anéis: permanência e fascínio dos contos de fadas", coordenado pela professora Geysa, e "Aspectos cognitivos e lingüísticos de narrativas fantásticas", coordenado pelo professor Luiz Fernando. E ainda textos produzidos a partir de trabalhos orientados pelos dois professores, na graduação e na pós-graduação, e organizados por eles no livro.

O que chama a atenção na obra é a preocupação dos autores em entender quais são os dispositivos que atraem a atenção de crianças e jovens nestas narrativas fantásticas, uma chave importante para garantir o ingresso deste público no mundo da leitura. Não só entender, mas também apontar para alternativas de ensino de literatura e de português, em sala de aula, utilizando contos de fadas.

"Estudam-se, portanto, os contos de fadas, supondo que todo prazer requer uma iniciação, um desenvolvimento da capacidade de identificar seu próprio desejo e o desejo do 'outro'. Fala-se em desejo porque a leitura não é uma atividade puramente intelectual, ela provoca emoção, envolve os sentidos,

conduz o leitor a comunicar-se simultaneamente com o mundo externo e interno a ele. Hoje, estudar os contos de fadas é perceber as demandas de ficção do homem contemporâneo e suas articulações com os novos modelos civilizatórios, incluídos no que se convencionou chamar de globalização"<sup>1</sup>

SILVA e ROCHA,  
2008, p. 14

Outro ponto que se observa é o cuidado em não descaracterizar o objeto de análise, não formatá-lo em conceitos pré-concebidos, mas descobri-lo em suas nuances, apontando e analisando os símbolos mágicos das histórias selecionadas, à luz de estudos literários e lingüísticos. Pesquisadores com reconhecida trajetória acadêmica - Geysa Silva é pós-doutora em Literatura Comparada e Luiz Fernando Rocha é doutor em Lingüística -, os dois professores não só defendem esta multiplicidade de olhares como a viabilizam no livro, compartilhando este espaço de reflexão com seus orientandos, tanto de pós-graduação como de graduação. Trata-se, como afirmam logo no texto de abertura, de "uma construção discursiva orgulhosamente situada em determinada etapa da 'narrativa' acadêmica de cada autor". Assim, o livro traz, em sua primeira parte, artigos de autoria dos dois professores; na segunda parte, textos originados de

dissertações de mestrado; e na terceira parte, trabalhos de iniciação científica.

A leitura do livro abre as portas para um mundo de fantasia que faz o leitor revisitar personagens que conviveram com ele na infância, que provocaram medo ou que representaram uma salvação fantástica, diante de um perigo. O que se observa é que estes personagens continuam presentes na literatura contemporânea, assustando ou salvando o mundo. O que há em comum entre o herói grego Hércules, Clark Kent, que vive o Super-Homem, e Frodo, protagonista de *O Senhor dos Anéis*? "O convívio com o perigo e a audácia de enfrentá-los, sem ter a certeza de vencê-los, são as qualidades que aproximam esses heróis e constituem o atrativo para uma infinidade de jovens atuais", afirma Geysa Silva, no artigo "Rastros míticos na literatura contemporânea" (p. 79).

"Pode-se dizer que, tanto na Grécia antiga como na pós-modernidade, os mitos têm uma função que não se restringe ao mero entretenimento; eles possuem significação cultural, são narrativas complexas, remontam a um passado da Antiguidade Clássica e se fazem novamente presentes no tecido intelectual de nosso tempo, ao ligar a tradição, geralmente apresentada como memorável, com aqueles que são estranhos a ela". (p. 78 e 79)

Importante também entender por que, assim como os heróis, os monstros fascinam crianças e adolescentes, nestas histórias que são reinventadas em novos contextos históricos, como acontece em *O Senhor dos Anéis*, de J.R.R. Tolkien. A trilogia mostra como a literatura infanto-juvenil, que já foi considerada à margem do cânone, pode utilizar os meios de comunicação de massa para se projetar e conquistar um público formado, muitas vezes, por jovens sem hábito de leitura.

Não há o propósito aqui de julgar o mérito ou classificar a obra de Tolkien no sistema literário, nem de analisar o papel dos meios de comunicação, mas sim detectar os dispositivos que atraem esses jovens para inseri-los no mundo da leitura. No artigo "O Espaço provocativo de O Senhor dos Anéis", a autora apresenta uma análise minuciosa da trilogia, apontando para a importância de um olhar sobre o objeto de análise que seja interdisciplinar, que permita o cruzamento de saberes: "O espaço da ficção, visto apenas como um tópico do imaginário, teria seu significado muito restringido" (p. 31). Para ela, o espaço literário criado por Tolkien pode ser visto como "metáfora de uma sociedade em que a luta pelo poder assume aspectos totalizantes, visando a

subjugar ou eliminar os que a ela se opõem" (p. 31).

Na trilogia, Silva detecta a existência de um espaço que não é apenas geográfico, matemático, físico, mas um espaço poético que carrega significados culturais. Um espaço que não é apenas cenário, mas que é "tão importante quanto os personagens que nele se movimentam" (p.21). Este espaço é transformado de acordo com o momento da trama, apresentado sob outro olhar, despertando e registrando sentimentos diversos, de acordo com o que está sendo narrado. É tão marcante que, como observa a autora, os espaços nomeiam os capítulos.

Além da análise da obra, a pesquisadora apresenta entrevistas feitas com cinco jovens de classe média, estudantes de uma universidade pública, que não tinham hábito de leitura, mas que se interessaram e leram *O Senhor dos Anéis*, obra que foi adaptada para o cinema. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com o objetivo de descobrir quais são as chaves que abriram as portas do mundo da leitura para um público formado por "jovens desses tempos chamados de pós-modernos", como afirma Silva.

É nesse contexto da pós-modernidade que a autora busca explicações

para o fascínio provocado pelos monstros no público infanto-juvenil, referindo-se ao diagnóstico apresentado por Stuart Hall<sup>2</sup> sobre a crise de identidades do sujeito pós-moderno. Diante da fragmentação do sujeito, estas criaturas monstruosas podem representar diversas identidades, além de propiciar uma reflexão sobre sua posição na sociedade e sobre sua forma de olhar o outro, o que lhe é diferente. O quanto cada um carrega de monstruoso e de heróico? "A verdade é que nunca vivemos uma proliferação tão espetacular de monstros como agora". (SILVA, p.47).

O pensamento que está por trás de toda a análise se baseia na idéia de que a ficção tem por finalidade oferecer ferramentas para que o leitor, que vive a falta de paradigmas da pós-modernidade, consiga se relacionar com seus medos, se ancorar em modelos de vida apresentados, realizar sonhos, sublimando a ausência de valores éticos e de esperança.

"O início do século XX destruiu as esperanças, mostrando a fragilidade da paz entre os homens. O início do século XXI não se apresenta mais promissor, exibindo a intolerância e a sede de poder em níveis inimagináveis, o que permite a continuidade das comparações entre o vivido e o fictício. Em um tempo de fundamentalismos religiosos e étnicos, as aventuras de

2. HALL, 2002.

um grupo de corajosos guerreiros da liberdade são tomadas como alegoria da vontade humana de justiça, de cuja falta o leitor se ressentido na vida cotidiana, principalmente os jovens que, em razão da própria idade, procuram um modelo em que se espelhar. Talvez a possibilidade de existir ainda um lugar onde se procura a felicidade, ao invés da riqueza e do poder, tenha aguçado a imaginação e o desejo desses jovens (...)" (SILVA, p.40)

A autora oferece pistas de possíveis interpretações, como frisa no início do livro, e, a partir daí, faz um mapeamento das estratégias narrativas que poderiam atrair este público jovem da contemporaneidade. Nesta literatura para crianças e adolescentes, mais especificamente em *O Senhor dos Anéis*, obra analisada, percebe-se não só o reaparecimento de heróis, monstros, bruxas e fadas, como também de símbolos mágicos dos contos de fadas, como o anel e o espelho.

Estes elementos reaparecem várias vezes na literatura infanto-juvenil, carregados de significação. O espelho, afirma Silva, pode ser associado a Narciso, na cultura greco-latina, mas também à madrasta da Branca de Neve, nos contos de fadas.

"O espelho funciona como alegoria de nosso interior, para onde deve-

mos nos debruçar quando há alguma atitude importante para ser tomada" (SILVA, p.56).

Em uma análise Lingüística, Luiz Fernando Rocha investiga a construção cognitivo-discursiva do (sobre) natural e apresenta outros elementos que podem explicar a permanência dos contos de fadas no imaginário coletivo e o sucesso das narrativas que revisitam este mundo de fantasia. Com base nos pressupostos teóricos de Todorov, sobre a narrativa fantástica, o autor afirma que "a intervenção do elemento insólito constitui sempre uma ruptura no sistema de regras preestabelecidas" (p. 91). Sendo assim, conclui que o conto de fadas pode ajudar a compreender o "real", e o cotidiano pode ajudar a criar o mundo da ficção.

No artigo "Antes que vá tudo para o Beleléu: cognição, teatro e educação da oralidade", Rocha frisa a importância da oralidade para a análise lingüística e apresenta estratégias pedagógicas para trabalhar a oralidade dos textos em sala de aula, com o objetivo de aumentar a concentração dos alunos, e ensiná-los, pela leitura dramática, que há o momento de falar e o de ouvir. Mas faz uma importante ressalva, em meio às análises propostas: a criança que lê um livro infantil não deve ser induzida pelos professores ou pelos pais

a uma interpretação prévia.

Rocha apresenta uma análise do livro *No Reino Perdido do Beleléu*, de Maria Heloísa Penteado, um conto de fadas contemporâneo, como define, que ele adaptou para ser veiculado no rádio e depois para o teatro, um texto que, lido por adultos, segundo ele, pode ser entendido como uma sutil metáfora da morte. Mas esta interpretação é um ponto de vista, um olhar, e não a única leitura possível.

"Como qualquer obra de literatura, ela não quer dizer, ela apenas diz. As interpretações que faço a partir do que ela sinaliza para mim são de minha inteira responsabilidade, podendo ou não ser compartilhadas por outros leitores". (ROCHA, p. 108 e p. 109)

O livro é inovador não só na abordagem do tema, analisando a relação das representações verbais e das imagens nos contos de fadas, mas também por propor um exame de diferentes versões dessas histórias, inclusive de narrativas locais, do sul de Minas Gerais, ainda não publicadas. Ao investigar as estratégias narrativas que fascinam crianças e até mesmo adultos, os autores oferecem à comunidade acadêmica e também ao público em geral a oportunidade de

entender a origem dos contos de fadas, seu potencial terapêutico, e sobretudo sua permanência e transformação em narrativas que se atualizam ao longo dos anos, desde sua origem na oralidade, até suas versões cinematográficas.<sup>2. COSTA, 2002, p. 73</sup>

Contadas de pai para filho ou com efeitos especiais na tela do cinema, os contos de fadas - tradicionais e atuais - fascinam o público infantil, oferecendo a crianças e adolescentes o poder da ficção. Entender este fenômeno é imprescindível para pesquisadores de diversas áreas e ferramenta fundamental para professores de literatura e de português, na atualização de sua didática em sala de aula e no constante desafio de transformar os alunos em leitores potenciais.

Como afirma Cristina Costa (USP), no livro *Ficção, Comunicação e Mídias*, estas narrativas seculares migrarão para novos meios, sendo adaptadas e transmutadas, mas não perderão seu poder de transformar a realidade e de elaborar conflitos.

"É o poder da ficção de encantar serpentes, domar sultões, abrir a possibilidade para vivermos experiências que não são as nossas que faz dela um espaço privilegiado de elaboração da vida. E, se muitas vezes essa ficcionalidade tem se revelado escapista e alienante, outras há em que se mostra como

forma de libertação."<sup>2</sup>

*Quem conta um conto de fadas* tem ainda o mérito de transformar os contos infantis em objetos de pesquisa sem descaracterizá-los, mantendo o que há de lúdico nessas histórias da infância, oferecendo ao leitor o embasamento teórico, em análises e interpretações originadas nas pesquisas de origem, mas também o prazer deste reencontro com seus heróis e seus monstros.

Os organizadores frisam que o livro não apresenta "verdades irretocáveis" nem pensamentos estanques, mas sim "uma construção discursiva" a partir da trajetória de cada um dos autores. Eles apresentam sua análise como uma possibilidade de olhar o objeto, uma entre tantas que poderão surgir a partir daí.

"Pode ser considerado um convite à reflexão teórica através de um intrigante repertório de narrativas orais", afirmam (p.18). O convite está feito. A partir dele, espera-se que o universo acadêmico descubra novas chaves para o ingresso no mundo da fantasia, suscitando outras reflexões, enriquecendo ainda mais o fascinante debate que se inicia.

#### REFERÊNCIAS

COSTA, Cristina. *Ficção, Comunicação e Mídias*. São Paulo: Editora Senac, 2002

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.



Os textos a seguir foram editados com base nos resumos das teses e dissertações que constam do site [www.siga.UFRJ.br](http://www.siga.UFRJ.br) (Database SIGMA).

